



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JANIMEYRE DOS SANTOS SOUSA

**O SUJEITO HOMOSSEXUAL EM DISCURSO: RELAÇÕES DE PODER EM
COMENTÁRIOS SOBRE A PARADA LGBTQIA+**

**CATOLÉ DO ROCHA/PB
2019**

JANIMEYRE DOS SANTOS SOUSA

**O SUJEITO HOMOSSEXUAL EM DISCURSO: RELAÇÕES DE PODER EM
COMENTÁRIOS SOBRE A PARADA LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Izaías Serafim de Lima Neto.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725s Sousa, Janimeyre dos Santos.

O sujeito gay em discurso: relações de poder em postagens sobre a parada LGBTQIA+ [manuscrito] / Janimeyre dos Santos Sousa. - 2019.

37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2019.

"Orientação : Prof. Esp. Izaías Serafim de Lima Neto , UEPB - Universidade Estadual da Paraíba ."

1. Sujeito gay. 2. Relações de poder. 3. Foucault. 4. Parada LGBTQIA+. I. Título

21. ed. CDD 306.766

JANIMEYRE DOS SANTOS SOUSA

**O SUJEITO HOMOSSEXUAL EM DISCURSO: RELAÇÕES DE PODER EM
COMENTÁRIOS SOBRE A PARADA LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovada em: 02/12/19.

BANCA EXAMINADORA

Izaías Serafim de Lima Neto

Prof. Mndo. Izaías Serafim de Lima Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Glênio Rodrigues Ribeiro Neto

Prof. Esp. Glênio Rodrigues Ribeiro Neto (Examinador Externo)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Rafael José de Melo

Prof. Dr. Rafael José de Melo (Examinador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser a razão da minha existência e por sempre me dá sabedoria para conseguir realizar meus objetivos. Em segundo lugar, aos meus pais e a minha filha.

AGRADECIMENTOS

Sempre agradecendo a Deus pela minha vitória e a minha mãezinha do céu que continuamente me cobre com seu manto sagrado.

Agradeço também aos meus pais, João Delfino de Sousa e Carmelita Rosalina dos Santos. A minha filha Samira Santos, que é a minha inspiração. A minha amada irmã, Jobsan Sueny, que sempre acreditou nos meus sonhos.

Também agradeço as grandes amizades que fiz durante o curso, que sempre estarão presentes em minha vida: Amanda Pereira, Maria do Socorro Silva, Elias Melo, Sabrina Thayse, Raiane Alexandre, Jackson Cardoso, Hyoucoama Rodrigues, Laísa Martins, Irina Ribeiro, Orlando Neto, Fernanda Garcia, Jéssica Tuane.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos os colegas da turma, aos professores e, em especial, a o meu querido orientador Isaías Serafim Neto, a quem friso o meu muito obrigado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Comentário de Corivaldo Carvalho.....	26
Figura 02: Comentário de Mastro Hétero.....	27
Figura 03: Comentário de Alex Bonini.....	27
Figura 04: Comentário de Josiel Chalita.....	28
Figura 05: Comentário de César Mendino.....	28
Figura 06: Comentário e Bruna Aguiar.....	29
Figura 07: Comentário de Estado Laico.....	29
Figura 08: Comentário de Rasgando o cachimbo.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Sujeito, Subjetividade e Micropoder	12
2.2 As relações de poder na sociedade	17
2.3 A questão do Discurso em Foucault	19
3. A HOMOSSEXUALIDADE NA HISTÓRIA OCIDENTAL.....	21
4. A PARADA LGBTQIA+ DE SÃO PAULO – RELAÇÕES DE PODER E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM COMENTÁRIOS DO SITE G1	26
4.1 Análise de comentários postados no <i>site G1</i> sobre a parada LGBTQIA+ de São Paulo (Brasil).....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

O SUJEITO GAY EM DISCURSO: RELAÇÕES DE PODER EM POSTAGENS SOBRE A PARADA GAY

GAY SUBJECT IN SPEECH: POWER RELATIONS ON GAY STOP POSTS

Janimeyre dos Santos Sousa¹
Izaías Serafim de Lima Neto²

RESUMO

As interdições e normas em torno dos sujeitos homossexuais e suas vivências existem desde muito, no entanto, nos deteremos nos postulados foucaultianos acerca das relações de poder que atravessam a constituição destes sujeitos. Sobretudo, por meio de sua obra tardia, “História da sexualidade”, em que o autor percorre toda uma história ocidental do que seria a instituição da sexualidade enquanto um dos domínios de constituição dos sujeitos, por meio da qual, estes se percebem sujeitos de uma sexualidade que lhes é inerente mesmo antes do seu nascimento. A qual institui condutas, pudores, interdições e toda uma gama de modos de ser e agir socialmente. Questões que acabam por contribuir diretamente para a produção e manutenção do preconceito e discursos de ódio contra os sujeitos que não seguem as normas de gênero estabelecidas. Esse preconceito, por vezes, chega a tornar-se homofobia ganhando impulso violento, o que ocorre em quase todas as sociedades e, na contemporaneidade pode ser visto e enfrentado abertamente. Partimos aqui da percepção de que as diferentes formas de afetividade entre pessoas do mesmo sexo devem ser vistas como uma prática comum e saudável, assim como ocorre entre pessoas de sexo diferentes. Dessa forma, nos propomos estudar como se dá o processo de constituição do sujeito homossexual por meio da análise de comentários feitos por internautas sobre a parada LGBTQIA+, no portal de notícias “G1”. Nossa fundamentação teórico-metodológica parte dos postulados foucaultianos, por meio dos quais nos deteremos nos conceitos de: sujeito, poder, discurso e enunciado. Sobre as questões relativas a gênero e sexualidade utilizamos os autores Trevisan (2000) e Fry e MacRae (1985). O trabalho trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa que se utiliza da Análise do Discurso de linha francesa como perspectiva teórico-metodológica.

Palavras-Chave: Sujeito gay. Relações de poder. Foucault. Parada LGBTQIA+.

ABSTRACT

The prohibitions and norms around homosexual subjects and their sociability have long existed; however, we will dwell on Foucault a postulate about the power relations that cross the constitution of these subjects. Above all, through his late

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

² Professor orientador, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN).

work, "History of Sexuality", in which the author goes through a whole western history of what would be the institution of sexuality as one of the constitution domains of the subjects, through which they perceive themselves as subjects. Of a sexuality inherent in them even before their birth. Which institutes conduct, modesty, interdiction and a whole range of socially expected ways of being and acting. Issues that ultimately contribute directly to the production and maintenance of prejudice and hate speech against subjects who do not follow established gender norms. This prejudice sometimes becomes homophobia gaining violent impetus, which occurs in almost all societies and can be viewed and faced openly today. We start here from the realization that different forms of same-sex affection should be seen as a common and healthy practice, just as between different sexes. Thus, we propose to study how the process of constitution of the homosexual subject occurs through the analysis of comments made by netizens about the LGBTQIA+ parade, in the news portal "G1" and the site "This is Interesting". Our theoretical and methodological foundation starts from the Foucaultian postulates, through which we will focus on the concepts of: subject, power, discourse and statement. On issues related to gender and homosexuality we use the authors Trevisan (2000) and Fry and MacRae (1985). The work is a descriptive-interpretative research that uses the French Discourse Analysis as a theoretical-methodological perspective.

Keywords: Gay guy. Power relations. Foucault. LGBTQIA+ parade.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se, de acordo com algumas teorias da linguagem, que somos todos sujeitos sociais constituídos a partir da elaboração dos discursos. A partir desta constatação é necessário dar ênfase ao fato de que nos subsidiaremos com uma área específica da linguagem, a saber, a Análise do Discurso Francesa, que nos põe em contato com as mais variadas condições de produção dos enunciados historicamente constituídos, bem como com os discursos acerca dos sujeitos homossexuais, que é o que nos interessa. Assim, é importante compreender as afirmações de Maingueneau (1987), ao afirmar que, "a análise do discurso é o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado e ganha especificidade em relação às metodologias de tratamento da linguagem nas ciências humanas" (MAINGUENEAU, 1987 *Apud*. BRANDÃO, 2004, p. 17).

Desta perspectiva devemos considerar que a língua e o discurso são contíguos, ambos precisam de interação, e o que se realiza através do enunciado e do discurso também, desta forma, quando anunciamos um discurso estamos produzindo uma subjetividade através do enunciado elaborado. O discurso caracteriza não só a fala propriamente dita, mas a subjetividade que é definida pelas palavras que escolhemos para a formação do discurso, sendo que, é a partir desse

processo de produção e idealização da linguagem que se podem inserir novos modos de interação entre o sujeito e o discurso. Nesse contexto em que sujeitos e discursos se constituem em colaboração, o estudo sobre o sujeito homossexual e as relações de poder, presentes em comentários de matérias divulgadas nas mídias digitais sobre a parada LGBTQIA+ da cidade de São Paulo (2019), se constituiu como nosso objeto de pesquisa.

Em vista disso, para fins de conhecimento, a parada LGBTQIA+ é um movimento civil e social que defende os direitos básicos das lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, dentre outros, que teve início na cidade de *Johanesburgo* na África do Sul, na década de 1990, movimento que a cada ano cresce mais e mais em toda parte do mundo. No Brasil, a primeira parada LGBTQIA+ realizou-se no ano de 1995 no Rio de Janeiro e só após de dois anos veio a acontecer em São Paulo³. Nessa circunstância de atraso de surgimento entre a África e o Brasil, foi que o movimento cresceu e vem ganhando forças entre os grupos de pessoas simpatizantes que vão o estendendo a outras capitais do país.

Diante da temática aqui evidenciada emergem discursos e comentários advindos de todo o Brasil nas redes sociais e *sites* de notícias, em que pessoas se posicionam com opiniões contrárias ou a favor do evento, as quais muitas vezes se baseiam em suas próprias orientações sexuais. Deste modo, esses discursos sobre o movimento, que caracterizam os fatores relacionados às postagens temáticas como um discurso envolto a relações de poder manifestado nos enunciados, apresentam a diversidade de posições sociais.

As apreciações discursivas da forma como foram apresentadas no *site G1*, que aqui figuraram como fonte a ser pesquisada nos levou a definir como objetivo geral de nossa pesquisa: analisar os modos de constituição do sujeito homossexual em comentários/discursos sobre a parada LGBTQIA+. E como objetivos específicos: a) averiguar as relações de poder que moldam o sujeito homossexual na internet; b) interpretar os discursos que constituem o sujeito homossexual em comentários sobre a parada LGBTQIA+.

Desse modo, as discussões midiáticas relacionadas ao posicionamento dos internautas sobre a parada LGBTQIA+ são de fundamental importância para a análise das relações de poder inseridas em todo o contexto desse trabalho, visto

³ Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/pge47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil. Acesso em: 10 nov. 2019.

que impulsiona a compreensão do sentido e auxilia na elaboração de práticas discursivas nas quais se estabelecem a ordem e o poder. Além de promover a interação e a comunicação já existentes destes sujeitos, pouco utilizadas, mas que integram toda a sociedade, como forma de inclusão nos mais diversos meios de comunicação. A partir dos motivos aqui apresentados, abraçar este estudo se assemelha a abrirmos o leque da emblemática temática nem sempre discutida, mas que serviu de base para o artigo e que, nos remete a ideia de que sempre que acontece algo que fere a dignidade da pessoa humana, seja em ações ou em discursos, tão logo se identificará uma temática a ser estudada.

Teoricamente, a pesquisa foi fundamentada nos conceitos e definições de sujeito e discurso apresentados por Foucault (1967; 2000; 2009); nas noções de homossexualidade na contemporaneidade por Trevisan (2000); na teoria do que é a homossexualidade de Fry e MacRae (1985); e na teoria do discurso de Sargentini e Barbosa (2004). Desse modo, vislumbramos aqui uma pesquisa do tipo descritivo-interpretativa, uma vez que traduz um estudo elaborado acerca dos teóricos supramencionados e dá ênfase a compreensão e a análise das subjetividades presentes na linguagem do *corpus* e da pesquisa.

Sendo este um estudo sobre o sujeito que pode inventar sua própria história de diferentes modos e que as relações de poder são adversas e contraditórias, para a parte da análise foram feitas pesquisas em *sites*, artigos e revistas especializadas relacionando à questão sociocultural. Em si tratando da parada LGBTQIA+ foram acessados *sites* como o G1 e a *revista VEJA*.

O artigo está dividido da seguinte maneira: no primeiro momento a fundamentação teórica acerca dos autores que embasam todo o discurso que apresenta e fundamenta a temática do sujeito homossexual, acessada a partir da leitura de livros e artigos, dentre outras fontes que nos serviram de sustentação teórica para o desenvolvimento desse trabalho.

No segundo momento é apresentada uma análise dos fragmentos discursivos sobre a parada LGBTQIA+ 2019, disponível no *site* do G1. Excetos que impulsionaram a realização deste trabalho com o intuito de revelar as atitudes e os pensamentos dos internautas a respeito desse movimento sobre o qual há uma vasta gama de apreciações, das mais diversificadas, as quais têm motivado tanto o pensar, quanto o agir de um número considerável de internautas.

Neste trabalho também consta a disposição do objetivo geral e dos objetivos específicos, partes estas as quais constituem a estrutura deste artigo, e se encontra no desenvolvimento do mesmo, caracterizando a importância das questões em pauta, como é o sujeito homossexual em contexto discurso midiático, sendo pois o que aqui nos importa.

Como metodologia, neste artigo primou-se pela pesquisa bibliográfica, embasada nos teóricos anteriormente citados, em pesquisas realizadas em sites, a exemplo do site G1, os quais auxiliaram na busca por nosso corpus, fragmentos discursivos que versassem sobre o sujeito homossexual, contribuindo para a compreensão do tema, de como os discursos, quando feitos de forma parcial e ou imparcial, podem influenciar os sujeitos e suas atitudes, auxiliando-nos na formação do presente trabalho.

Com isto, espera-se que a pesquisa aqui apresentada nos aproxime das discussões resultando à luz o sujeito homossexual a partir dos discursos disseminados nas redes sociais na contemporaneidade. Almeja-se ainda que esse estudo motive outros estudantes e pesquisadores a também se debruçarem sobre essa temática, bem como se espera que este seja útil na composição dos bancos de dados acadêmicos no qual instigue a outros que semelhante a nós, também se aventurem nos estudos e pesquisas de tal temática.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nosso trabalho parte da perspectiva teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente os trabalhos derivados das pesquisas de Michel Foucault. O autor nasceu em *Potiers* na França em 1926 e faleceu no ano de 1984. Formou-se na *École Normale Supérieure*, em Paris. Deu aulas na Alemanha, Suécia e Angola, além de reger várias cadeiras nas Universidades de *Clermont-Fernand* e de *Vianner* até ser nomeado professor de “História dos sistemas de pensamento”, no *Collège de France*, em Paris⁴.

Durante seu trajeto de pesquisador dedicou-se a inúmeros temas que perpassavam a sociedade ocidental de sua época e continuam atuais no dado momento. Entre os quais questões como o sujeito, o poder, a verdade, a loucura, o

⁴ Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/biografias/foucault/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

governo e a sexualidade. Aqui, portanto, nos pautamos com maior ênfase em a: “Arqueologia do saber”, na qual o autor desenvolve e apresenta seu método de análise e a tríade “História da sexualidade”: “A vontade de saber”, “O uso dos prazeres”, e “O cuidado de si”.

No tópico a seguir daremos início a discussão teórica com ênfase na questão do sujeito e nos modos de subjetivação atrelados a contínuas relações de poder.

2.1 Sujeito, Subjetividade e Micropoder

Pensar o sujeito numa vertente foucaultiana é pensar também, e por assim dizer, conseqüentemente, a questão do poder. O que se dá pelo fato de que o conceito de poder se atrela diretamente a noção de constituição do sujeito por meio de relações de poder de toda ordem, que se fazem presentes no âmbito social e incidem sobre os indivíduos, os quais tornam-se sujeitos por diferentes modos e em meio a diversas relações. A esse respeito, vale lembrar aquilo de que Foucault (2009) havia afirmado:

Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. (FOUCAULT, 2009, p.231).

A relação entre poder e sujeito se misturam consolidando a questão da sua produção por meio das formas e instâncias pelas quais o poder se exerce. Dito isto, Foucault (2009) estabelece o sentido da própria significação e conceito do que é o poder, relacionando-o à produtividade do sujeito. Nas relações de poder o que o legitima é o modo pelo qual este se relacionado com o estado de acordo com o que o próprio sujeito estabelece para reafirmar a legalidade de suas práticas e ações, com base em modelos já socialmente aceitos.

Foucault (2009) faz uma divisão no qual a interioridade do indivíduo e a modificação se faz presente como um processo de reafirmação do próprio pensamento. Ele problematiza, por exemplo, a patologização dos sujeitos e de suas práticas, por toda a era moderna levou a uma constante divisão entre indivíduos são e doentes, normais e anormais, criminosos e legais. Na qual se dá, sobretudo, por meio de instituições que possuem o *status* de verdade, determinando modos de

ser e existir, como por exemplo, a medicina e o estado. Dessa forma, o já mencionado autor, define sua análise a respeito do poder e do sujeito questionando sobre o indivíduo exercendo dominação sobre seu próprio corpo, pensamento, atitudes e ações. Significando sua própria história de modo a compreender sua existência para além de forças que apenas o submetem e moldam levando a uma compreensão de poder para além de uma negatividade concreta que habita apenas as instituições, percebendo-o bem mais como uma força que atravessa as diversas relações de múltiplas maneiras.

Assim, ao afirmar que “é verdade que me envolvi bastante com a questão do poder. Pareceu-me que, enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 2009, p. 233), o teórico evidencia o fato de que, quando o sujeito se volta a perceber-se enquanto tal é também posto diante de relações de poder que o levam a inserir-se em determinadas normas, condutas e governos, os quais pretendem moldar sua existência. Logo, esse modo de produção está condicionado, estabelecendo regras e impondo domínios sobre o indivíduo.

Vale ressaltar, é preciso conhecer o momento atual, e o que impulsiona o sujeito e se subjetiva enquanto dominador de suas próprias verdades, vivendo em meio a relações de poder complexas, ora exercendo-o ora sofrendo sua ação. Deste modo, é válido lembrar que as discussões foucaultianas são inúmeras quando se relacionam a questões como: estado, história e política.

A relação entre a racionalização e os excessos do poder político é evidente. E não deveríamos precisar esperar pela burocracia ou pelos campos de concentração para reconhecer a existência de tais relações. Mas o problema é: o que fazer com um fato tão evidente? (FOUCAULT, 2009, p.234).

A partir desta perspectiva, o poder político, por exemplo, está manifesto nas realizações do ato em si, no discurso político, na forma com que o estado age por meio de determinado órgão. O poder sempre se dá entrelaçado a questão do *status*. A percepção do poder como forma de dominação não nos limita, pelo contrário, nos faz perceber que este é um terreno que gera não apenas normas e restrições, mas também a constituição de saberes e a possibilidade de subversão e resistência aos discursos tidos como oficiais, na medida em que por ser uma relação não é algo estático ou sólido, mas flexível e mutável.

Outra percepção é a de que o controle e o autodomínio não condizem com a aceitação da representatividade do poder em si, quando nos sentimos livres nossa sensatez nos leva a um patamar que nos liberta de certas formas de poder. A busca por essa sensação de liberdade é que tem guiado as inúmeras lutas sociais ao longo dos tempos, bem como levado o sujeito a questionar os discursos oficiais que ditam o que é certo e errado, comum e patológico. Gerando o aparecimento de enunciados e discursos diversos, que ora compactuam entre si ora se contrapõem, nesse movimento histórico contínuo os sujeitos produzem suas subjetividades ao mesmo tempo em que se inserem em diferentes relações de poder. Assim,

Para começar, tomemos uma série de oposições que se desenvolveram nos últimos anos: oposição ao poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, da psiquiatria sobre o doente mental, da medicina sobre a população, da administração sobre o modo de vida das pessoas. (FOUCAULT, 2009, p.235).

O poder é, pois, uma forma de domínio de uns sobre os outros, uma vez que estabelece regras, assujeita indivíduos, determina comportamentos e direciona papéis. Desta maneira, [...] “para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas e as tentativas de dissociar estas relações”. (FOUCAULT, 2009, p.235).

Em continuação a essa ideia, vê-se que há similaridades nas relações de domínio e poder entre sociedade e governo e pais e filhos, por exemplos. Logo, essas similaridades acontecem em todos os países ocidentais por fazerem parte do cotidiano de todos os povos e das nações. Tais relações não se dão exatamente da mesma forma, pois os sujeitos, os governos e as instituições possuem suas particularidades, no entanto, a lógica do poder é a mesma. A exemplo disso podemos falar da medicina, os profissionais da saúde exercem influência sobre seus pacientes de maneira que na maioria das vezes não são questionados sobre suas escolhas e práticas, pois carregam consigo o *status* de um saber/fazer socialmente validado. Como explica Foucault (2009, p. 235), “[...] a profissão médica não é criticada primeiramente por ser um empreendimento lucrativo, porém, porque exerce um poder fora do controle sobre os corpos das pessoas, sua saúde, sua vida e morte”. Poder este, que se assemelha a outras formas de domínio e podemos até mesmo relacionar às formas de autoritarismo regendo todas as camadas de hierarquia que existem nas nações. No entanto, vale lembrar, que desde os tempos

mais remotos as relações de poder já existiam e hoje continuam presentes na sociedade contemporânea, porém, bem mais complexas.

O poder, de acordo com Michel Foucault, só se exerce sobre sujeitos livres que aceitam fazer parte dessa lógica relacional, dito isto, não se pode considerar relações de poder as relações que se dão por meio da violência física ou escravidão, muito pelo contrário, para que o poder se estabeleça sobre os indivíduos é necessário que estes tenham a possibilidade de resistir, ou não, as suas técnicas e sutilezas, colocando-se em posição de constante movimento. A respeito da procura por si, pelo próprio sujeito, Foucault (2009) afirma que,

Finalmente, todas estas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós? Elas são uma recusa destas abstrações, do estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente, e também uma recusa de uma investigação ou administrativa que determina quem somos nossa identidade. (FOUCAULT, 2009,p.236).

A partir desta perspectiva vale a ênfase de que somos conhecedores dos nossos deveres, responsabilidades, atos e atitudes que deveríamos ter diante das situações que nos são impostas. Na realidade, esta é uma forma de não nos deixarmos subtrair pelas contendas do mundo contemporâneo, de modo que nossas certezas sobre quem somos nos leva a um patamar além dos limites estabelecidos, para não dizer quase sempre impostos pela sociedade.

Do ponto de vista dos direitos humanos e da multiplicidade de possibilidades que envolvem os sujeitos, é viável apreciar que o ser humano não pode ser considerado limitado. Todavia, há se ponderar o fato de que existem questões que invertem a racionalização e o saber do indivíduo, bem como os limites a ele impostos, muitas vezes partindo de decisões arbitrárias e autoritárias que visam uma submissão de suas subjetividades. A respeito das formas existentes de lutas, Foucault (2009,) afirma que:

Geralmente pode-se dizer que existem três tipos de lutas: contra as formas de dominação (ética social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem: ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão) (FOUCAULT, 2009, p.236).

Os três tipos de lutas mencionados mostram que são estas que fortalecem a sociedade, garantindo o direito e a liberdade do indivíduo perante as formas de dominação e desigualdade social, moral e religiosa, que são impostas pelas instituições, muitas vezes anulando as relações de igualdade e justiça entre os povos. Foucault (2009) evidencia que,

O cristianismo é a única religião a se organizar como uma Igreja. E como tal, postula o princípio de que certos indivíduos podem, por sua qualidade religiosa, servir a outros não como príncipes, magistrados, profetas, adivinhos, benfeitores e educadores, mas como pastores. Contudo, esta palavra designa uma forma muito específica de poder. (FOUCAULT, 2009, p.237).

Em se tratando de religião, o poder emana nas esferas das organizações que são específicas, como os templos e igrejas, que reúnem um grande número de pessoas que se deixam conduzir e ou comandar por um indivíduo que receberia certo tipo de poderes advindos de um ser superior. Dessa forma, esse poder dentro de uma determinada dominação, serve dentre outras coisas para coordenar e controlar uma quantidade de pessoas por meio da imposição de condutas, ordens e preceitos, todos repassados com base em ensinamentos “divinos”, cuja intenção principal é a de exercer sobre tais sujeitos comando espiritual, guiando suas vidas.

Nesta perspectiva, a partir das ideias diluídas por meio dos “ensinamentos” destinados aos fiéis acerca do propósito de salvação e de vida eterna, têm-se, a ideia de atuação e aplicação da existência de um tipo específico de poder, o poder pastoral.

Ao que se percebe, tem-se um cuidar pleno de intenções humanas, que é constantemente motivado pela dependência gerada na mente dos fiéis, ao ponto de determinadas religiões exercerem um conhecimento que acreditam ter recebido de uma força superior, que pode receber vários nomes a depender do seguimento religioso. Algumas igrejas chegam a utilizar da fé de terceiros para conseguir benefícios próprios, criando rituais místicos e financeiros por meio de doações, o que, no entanto, não é foco de nossa pesquisa. Esse tipo de poder pastoral foi desaparecendo aos poucos, sobretudo, com o surgimento de outros tipos de instituições.

Desse modo, a continuidade do poder exercido pelo Estado, há tempos também exercido pela Igreja, em muito se mantém semelhante, embora na

atualidade existam outras formas de executá-lo, pois como é de conhecimento, o poder pastoral, desde seu surgimento manipulou e segue manipulando as pessoas com a promessa de vida eterna. No entanto, esse poder pastoral não se resume apenas as instituições e seus representantes em comunidades religiosas, mas a toda sociedade. Essa imposição que se estende de geração a geração não pode limitar os ideais de lutas enquanto batalhas entre o certo e o errado ou o bem e o mal, mas, de lutas em prol do conhecimento próprio, da individualização.

A partir destas percepções é válido compreender que a realização da supramencionada individualização virá quando os sujeitos não mais se curvarem as sanções impostas pela igreja, biopoder e pelas instituições como um todo. E sim, quando entenderem as relações de poder exercidas de modo geral, sobretudo, quando utilizadas para transformar e restabelecer a ordem de modo que através dessas transformações nossa subjetividade possa ser manifesta e liberta.

2.2 As relações de poder na sociedade

Ao tratarmos das representatividades do poder na sociedade se faz importante considerar que:

“Relações de poder”, “relações de comunicação”, “capacidades objetivas”, não devem ser confundidas. [...] Trata-se de três tipos de relação que, de fato, estão sempre imbricados uns nos outros, apoiando-se reciprocamente e servindo-se mutuamente de instrumento (FOUCAULT, 2009, p.241).

Ao nos questionarmos sobre as “relações de poder”, “de comunicação” e as “capacidades objetivas”, conforme excerto acima percebeu que a vontade de poder se manifesta nas pessoas através de uma determinada situação imposta, especialmente, se considerarmos que o poder se bifurca e finda tanto por revelar quem somos, quanto por trazer à luz o modo como somos constituídos. Visto que essas relações são produzidas diretamente nas certezas do indivíduo e na capacidade de transmitir seus conhecimentos e valores, que juntos modificam o pensamento do sujeito para que o mesmo manifeste a vontade de poder sobre uma determinada situação em um dado momento. Desta forma, é necessário observarmos a afirmação de Foucault (2009) ao mostrar que,

Sem dúvida, a coordenação entre estes três tipos de relações não é uniforme nem constante. Não há, numa sociedade dada, um tipo geral de equilíbrio entre as atividades finalizadas, os sistemas de comunicação e as relações de poder. [...], por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontra cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido. (FOUCAULT, 2009, p.242).

Dentre os três tipos de relações de poder podemos citar como exemplo a instituição escolar, que representa bem duas das relações, o que ocorre devido ao fato de desenvolver os atos de comunicar, ensinar e estabelecer regras, dentre outras atividades exercidas que caracterizam a forma do poder como domínio que não apenas institui regras, mas conduz práticas morais e éticas. As instituições escolares além de dominar o seu alunado e o corpo docente, dentre outros personagens que as constituem, também contribui e institui o crescimento individual e coletivo. Assegurando as diferentes formas de aprendizagem intelectual, mas sempre com procedimentos estabelecidos, constituindo regras e leis e, definindo, demarcando e controlando os poderes impostos pela hierarquia da instituição, uma vez que de acordo com as percepções e afirmativas de Foucault (2009),

[...] só há poder exercido por “uns” sobre os “outros”; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apoia sobre estruturas permanentes. [...] a relação de poder pode ser o efeito de um consentimento anterior ou permanente; ela não é, em sua própria natureza, a manifestação de um consenso. (FOUCAULT, 2009, p.243).

Nesta linha de raciocínio, o poder define quem somos e, nessa definição de nós como coisa constituída, mostramos o poder que se relaciona com o ato ea coisa, exercendo domínio sobre o outro, ainda que esse seja relacionado à opressão por meio da qual se tira a liberdade do indivíduo como forma de tirania. Nessa relação passar a existir o sentimento de posse sobre a coisa/pessoa que se deixa submeter.

Essas relações de poder não caracterizam as prioridades, ou, o próprio entendimento das relações de poder que incidem sobre os elementos que as constituem. Mas, fundamentam as verdades estabelecidas por questões igualitárias e resistentes a qualquer tipo de soberania e desigualdade. Nas palavras do próprio

Foucault (2009), “[...] em suma, toda estratégia de luta, existe atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua” (FOUCAULT, 2009, p. 249).

Portanto, para se obter um resultado esperado nas relações de poder, é necessário considerar que o poder não estabelece regras, mas, nas atitudes demonstra dinamismo e ação, traçando assim planos e metas, por meio dos quais elabora um caminho para que seus objetivos sejam alcançados. Contudo, esses meios que são utilizados para se obter a vitória requerem atenção e percepção.

A possibilidade de uma definição mais exata e concreta do que seja uma relação de poder independe das formas e manifestações do poder, e sim, de um dinamismo que objetive a integridade do indivíduo nas diferentes situações de relações de poder, sejam estas de coibir a ação do outro, de relacionamento pessoal, das formas de governo, das instituições, ou ainda, dos meios sociais e políticos. Sendo assim, a possibilidade de vivermos em sociedade sem relações de poder é improvável, isto porque o poder atravessa todas as relações sociais, constituindo as práticas dos sujeitos, seja por meio inserção destes nas ordens discursivas oficiais ou através de suas posturas resistentes, as quais desembocam nas lutas políticas e sociais.

2.3 A questão do Discurso em Foucault

O discurso é compreendido como um conjunto de enunciados em que se fazem presentes o saber e o poder, formando ideias de ação através da anunciação da fala ou escrita, de modo que o saber adquire formas que se relacionam ao poder. Assim, tudo aquilo que vai ser proclamando por meio dos enunciados, sendo estes escritos ou não, transforma-se em discursos. Dito isto, para compreender a noção de discurso é preciso também ter em mente o que é um enunciado, uma vez que, “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.” (FOUCAULT, 1969 *Apud*. BRANDÃO, 2004, p.119-20).

Ao produzir um enunciado devemos observar as relações que, quando presentes no discurso, abrem um leque de múltiplos sentidos, por meio dos quais o indivíduo cede espaço dando lugar ao sujeito como prenunciador que em sua posição possui um *status* que se revela no próprio enunciado. Por assim dizer, na

perspectiva da Análise do Discurso, os sujeitos são tidos como posições-sujeito que ocupam determinados lugares em diferentes discursos.

Saber articular os enunciados ao produzir um discurso consiste em considerar que as evidências devem estar presentes em cada ato da fala, sejam estes verbais ou não verbais, configurando-se como uma base para o discurso. Outro critério importante seria analisar o signo, este que, indubitavelmente, é a representatividade das palavras e do sentido, e, ainda, apoiar-se na ferramenta que se mostra como suporte para a elaboração de um discurso, isto ao reconhecer que, “[...] o discurso é um acontecimento e para analisá-lo é necessário libertar-se das sínteses apressadas, das continuidades homogêneas” (SARGENTINI; NAVARRO, 2004, p.162).

Portanto, ao pronunciarmos um discurso devemos desconstituir a ideia de formalidade de algo pronto e acabado com regras gramaticais, levando em consideração que todo enunciado é permeado por acontecimentos históricos e sociais que levam a sua irrupção num dado momento e numa dada época. Não nos limitando apenas a regras morfológicas e gramaticais.

Conforme as ideias de Sargentini e Navarro (2004), cada discurso depende das características que irão ser usadas, ou seja, das formações discursivas nas quais esses se apoiam, assim, o que está em questão ao pensarmos no conceito de formação discursiva é o fato de, “liberta-se das unidades de análises instituídas pela epistemologia e pela história das ideias (obra, influências, origem, autores), para que possa ser estabelecido o solo em que a análise se detenha nas práticas discursivas. (SARGENTINI; NAVARRO, 2004, p.165).

Ao atribuir ideias a formação discursiva, antes de iniciar um processo de caracterização da análise a ser construída com as informações que foram obtidas para assim formar um discurso, há que se observar não apenas as notabilidades já existentes, mas uma sequência de fatos nos quais possa ser notória e existencial, dando ênfase à criatividade no momento do discurso, com perguntas e respostas criativas que enriqueçam o enunciado e a construção dos sentidos do discurso.

Sendo importante dar ênfase ao fato de que “[...] na esfera das formações discursivas, o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos que se encontra no nível do enunciado e não por um conjunto de performances verbais” (SARGENTINI e NAVARRO, 2004, p. 167). Logo, as já referendadas sequências se fazem presentes no enunciado e as palavras se agregam moldando-se para assim

obter o discurso. Em determinado momento um conjunto de enunciados transforma-se em discurso.

No entanto, podemos definir e constituir o discurso como algo que se repete, independente da formação, da temporalidade histórica e das unidades que o constituem. De modo que, o tipo de escolha das palavras provoca um sentido, uma ideia do sentir, ou seja, a ideia da ação dos signos modifica os outros. E assim, o termo língua age sobre nós de forma que uma única alteração da palavra muda todo o sentido, podendo atribuir diferentes definições aos saberes. Sobre discurso propriamente dito, Sargentini e Navarro (2004) esclarecem que,

Como foi dito, o trabalho de Foucault foi de analisar a produção do discurso como efeito do poder. Em sua ótica, o poder produz saber, não havendo saber que não se constitua nas tramas do poder. [...] Dito de outro modo, sua preocupação foi de entender as estratégias de subjetivação do poder, já que esse é construtor de uma verdade sobre o sujeito e também ordenador de um "perfil ideal" de sujeito que lhe seja útil (SARGENTINI e NAVARRO, 2004. p.175).

Para Foucault (1969; 2009), a capacidade que temos de raciocinar e ter entendimento das coisas não flui se as relações de poder não estiverem manifestadas na palavra, ou, na ação. Segundo o autor, o poder manifestado na ação das coisas ditas e feitas, bem como a razão e o sentido dependem das relações de poder ali presentes, de forma que essa verdade só é aceita quando é constituída na subjetividade do discurso.

Em síntese, independente daquilo que escrevemos produzimos um saber, este adquirido a partir das concepções do pensamento, pois, neste constructo, o enunciado produz a subjetividade que é transmitida através das atitudes, determinando assim o conhecimento sobre o qual o discurso é produzido.

3. A HOMOSSEXUALIDADE NA HISTÓRIA OCIDENTAL

Não poderíamos falar da homossexualidade na história ocidental sem nos apoiarmos na obra tardia de Michel Foucault, intitulada de "História da sexualidade", por meio da qual percebemos que a prática homossexual existe desde os primórdios dos tempos, sendo em alguns séculos vivenciada com naturalidade a partir das concepções morais vigentes. Foucault (1988) na primeira coletânea, "História da sexualidade I: A vontade do saber", já falava com veemência sobre o sexo no século

Grécia antiga e nos primeiros séculos de nossa era cristã, em que os corpos eram mais livres e o sexo mais naturalizado enquanto prática. Era comum a linguagem que utilizavam sobre o sexo com palavras obscenas e indecentes sem nenhum tipo de vergonha ou pudor moderno, inclusive em conversas na frente das crianças.

Porém, houve uma mudança drástica a partir da regência da rainha Vitória, na Inglaterra. A sexualidade não era mais vista como algo simples e natural que se poderia conversar em família e na frente dos filhos, os hábitos mudaram e o sexo tornou-se um tabu, instaurando-se o moralismo da época vitoriana. O sexo e todo discurso sobre este passou a ser de domínio do casal heterossexual no ambiente do quarto dos pais. Mudaram não apenas os discursos, mas também as atitudes e comportamentos.

[...]. Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente (FOUCAULT, 1998, p.10).

No discurso sobre sexo a história dita às regras evidenciando os valores e as consequências do liberalismo, que determina limites entre o que é certo e o que é errado, indo além das verdades estabelecidas e aflorando o falso moralismo imposto pelo poder através do mecanismo da hierarquia. Há um pudor quando o assunto é sexualidade, sobretudo, por se tratar de um tema polêmico em que se reforça a mistura do falso moralismo com o poder de coagir e punir aqueles que não seguem os padrões de comportamento socialmente aceitos. O prazer passa a ser algo fiscalizado e controlado que se destinava apenas aos sujeitos aptos, ou seja, os homens heterossexuais casados com a finalidade de procriação.

No entanto, a continuação de uma época em que o sexo se desassocia das vidas das pessoas por ser visto como algo vulgar e impróprio modificou o sentido da repressão para o liberalismo. A sexualidade para uns, mais que para outros, deixou de lado o pudor e tornou-se objeto de desejo e prazer da sociedade contemporânea.

Partindo das diversas respostas e infinitas variedades de questionamentos sobre a homossexualidade, tomemos por base as diferentes formas de indagações que consideramos válidas quando o assunto é relacionamento entre o mesmo sexo.

Tais considerações são manifestadas por parte da sociedade que diverge quando o assunto é homossexualidade, visto que,

Esses conceitos que decerto são formados por perguntas e respostas vindas de diferentes meios sociais, baseadas nas dúvidas, incertezas que muitos ainda têm em relação ao homossexual. [...] Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ele associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades. (FRY; MAC RAE, 1985, p.10).

A partir do disposto no excerto supramencionado, não nos baseamos tão somente nas ideias que temos acerca do assunto e nem buscamos apenas associar as inúmeras respostas relacionadas à homossexualidade, mas especialmente almejamos desfazer alguns preceitos e atitudes que permeiam o rol das discussões relacionadas ao tema.

É importante considerar que a homossexualidade tem sido tomada como objeto de estudo, dentre outras áreas, especialmente pela medicina e pela psicologia, mas desvincula-se desses estudos para associar-se as diversidades culturais e políticas no modo mais abrangente e universal. Assim, as ideias se convergem diretamente com as outras áreas de comportamento, sendo que todas as pessoas têm suas próprias concepções e pensamentos a respeito do assunto.

O interessante é que este mesmo raciocínio é raramente usado quando se discute a homossexualidade. De alguma forma, a tendência é de acreditar que homossexuais masculinos e femininos são biologicamente ou psicologicamente tão diferentes dos assim chamados heterossexuais, que seu comportamento pode ser compreendido em termos mais psicológicos e biológicos que sociais. (FRY; MAC RAE, 1985, p.11).

A partir da reflexão do autor, a percepção que diversas pessoas demonstram ter em relação ao homossexual, seja este homem ou mulher, não se limita apenas a distinção do sexo ou orientação sexual, mas a vários fatores existentes que de certa forma geram o preconceito e o julgamento. A respeito das manifestações de preconceito contra estes sujeitos se tem uma postura social de aceitabilidade ao que diz respeito ao papel do casal heterossexual; que é bem visto; o que não acontece com os casais homossexuais por serem severamente criticados e grosseiramente tachados com termos vulgares como, "bichas e sapatões". O que se dá por que

assumem o papel de transgressores das regras de condutas sociais sexualmente aceitas.

A partir da mentalidade de que as práticas sexuais, em primeira instância, passavam pelo viés da utilidade reprodutiva, as relações entre as pessoas homossexuais são vistas sem propósito ou finalidade, ao passo que, em nada contribuiria a este fim, assim, a respeito da prática entre esses sujeitos há os que afirmam a todo pulmão que, “além de ser inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual solaparia a família (em cujo seio se geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir)” (TREVISAN,1994, p.19).

Socialmente falando, os homossexuais e suas relações são vistos, por muitas pessoas homofóbicas, como aberrações da natureza, o que lhes favorece toda sorte de sofrimentos ocasionados pelas variadas formas e tipos de preconceito. A lógica utilitária e reprodutiva inerente às relações sexuais entre os sujeitos heterossexuais leva a pensar que tais relações entre homem e mulher são a regra e única forma saudável de se relacionar.

No entanto, como algumas ciências que estudam as relações humanas tem questionado tanto o sexo quanto a sexualidade, novas perspectivas passam a ser alcançadas, como a aceitação e naturalização das diversas relações afetivas e identidades de gênero. Assim, pensando neste novo caráter das relações entre os homossexuais é possível questionarmo-nos se o fato da impossibilidade de reprodução por parte de um casal gay este deveria ser impedido de relacionar-se, negando o afloramento dos sentimentos e dos afetos, a exemplo do respeito, do carinho, da cumplicidade, da união, e sobremaneira, do amor?

Os excessos de crítica que recaem sobre os sujeitos homossexuais não se limitam apenas a questão da reprodução para a procriação, mas, notadamente existe uma falta de respeito, empatia e consideração pelo ser humano, afinal de contas, porque as práticas sexuais que os sujeitos vivenciam entre quatro paredes importam tanto? Ao que se sabe e se constata, inúmeras são as dificuldades que um homossexual enfrenta ao se relacionar, fato este que condiz com a realidade de muitos que todos os dias têm que a conviver em meio a uma sociedade cuja mentalidade ainda carrega a herança patriarcal, e que infelizmente, além de preconceituosa e machista é também violenta.

Desconfio que o machismo brasileiro é, de certa forma exuberante de buscar a homossexualidade, mais do que uma maneira de declinar dela ou simplesmente rechaçar os viados. Nosso machão veste essa couraça para se defender de algo que o fascina-mais ou menos como o refrão “Ordem e Progresso” esconde nossa propensão interior ao caos e à desordem (TREVISAN, 1994, p. 57).

Na percepção de Trevisan (1994) certos tipos de preconceitos, manifestados por meio da raiva, seriam simplesmente uma forma de mascarar o desejo de se assumir como gay refletindo o medo de “sair do armário”, termo geralmente utilizado para definir os sujeitos que não admitem sua posição sexual. Esta seria uma forma de se esconder diante da sociedade, da família e até de si mesmo. O fato é que muitas dessas pessoas, pelos princípios morais e éticos sobre os quais foram educados, sentem vergonha de assumir seus desejos e práticas sexuais, temem ser expostos e salvo da ridicularização.

Dentre outros medos e angústias vivenciadas por estes sujeitos, há o medo de serem rechaçado pelos amigos e familiares. Isto pode acabar levando a uma postura preconceituosa com outros sujeitos iguais a si, passando a ter atitudes irresponsáveis e desrespeitosas com seus amigos. Esse exemplo mostra que nem todos que vivem esta condição tem coragem suficiente para assumirem-se.

Há outros casos, como dos homens casados que se declaram héteros e mantêm uma família bem estruturada na aparência, tidos como “os machões da família”, mas que na verdade vive uma farsa, tendo uma vida dupla, sexualmente falando. O fato é que se tem conhecimento de que essa é uma realidade que acontece em muitas famílias e em muitos lugares.

Como a vivência da homossexualidade é ainda tida como algo vergonhoso e arbitrário, os sujeitos de vida dupla aproveitam para durante o dia, entre uma hora e outra do trabalho, marcarem encontros sigilosos com garotos de programa, os chamados michês. Mas, há os que constituem amantes fixos com os quais mantêm encontros regulares, os mesmos homens, “esposos” e “dignos pais” de família que a noite quando em casa com a família, se comportam como um ser superior de conduta invejável.

Diante dos casos anteriormente citados e dos inúmeros outros que acontecem, é possível percebermos que racionalmente falando, talvez não haja uma explicação plausível para tais comportamentos, além da compreensão de que para os sujeitos que se auto afirmam heterossexuais e mantêm relações homossexuais,

essa prática continua sendo vista como transgressão e, de alguma forma, se transforma em uma espécie de fetichização para alguns.

Assim, diante de todo o exposto quanto à vivência social das práticas homossexuais, somos convidados a compreender o ser humano na perspectiva da diversidade, tendo ciência que todos somos iguais em direitos e, portanto, todos merecem respeito.

4. A PARADA LGBTQIA+ DE SÃO PAULO – RELAÇÕES DE PODER E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM COMENTÁRIOS DO SITE G1

O intuito do presente tópico pesquisa é apresentar uma análise acerca dos comentários compartilhados no *site G1*, referentes à parada LGBTQIA+ realizada na Avenida Paulista na cidade de São Paulo (SP/Brasil), em de 23 de junho de 2019. Nos comentários selecionados os internautas apresentam diferentes pontos de vista acerca do evento, sobretudo, referentes ao estilo, atos, modos e performances expressas pelos participantes da parada. Na maioria das vezes, os comentários são feitos por perfis com nomes fictícios, também conhecidos como perfis *fakes*⁵, em que os usuários sentem-se à vontade para tecer enunciados preconceituosos e homofóbicos.

Nos comentários podemos perceber como a sexualidade se configura enquanto um domínio que constitui os sujeitos e suas relações sociais, tendo em vista que os enunciados em torno do evento acabam por expressar a posição-sujeito dos indivíduos que o tecem. Dito de outra forma, a sexualidade, enquanto invenção relativamente recente datada do século XVII (HEILBORN, 2002), pode ser considerada uma dimensão reveladora da natureza íntima dos sujeitos. O que ocorre em grande medida, devido o surgimento de saberes e discursos reguladores que a tomam como uma “verdade” inerente aos sujeitos, que por muito tempo só pôde ser discutida em locais específicos, já que “a família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar” (FOUCAULT, 1988, p. 9). Estabelecem-se assim, relações de saber-poder complexas em torno do tema sexualidade, as

⁵ Termo do inglês utilizado para nomear contas e perfis usados na *internet* que ocultam a identidade real do usuário.

quais incidem diretamente sobre os modos de subjetivação dos sujeitos, sejam estes héteros ou homossexuais.

Heilborn (2002, p. 7) explica que, “a própria ideia de que há um desejo sexual que se organiza em termos de heterossexualidade e homossexualidade é muito peculiar à nossa sociedade ocidental”. O que Foucault (1988) também chega a explicar ao evidenciar que em outras épocas não existia uma categorização das práticas sexuais, o que significa dizer que as noções de heterossexual e homossexual sequer eram discutidas, isso porque até o início do século XVII os gestos eram diretos, os “discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’”(FOUCAULT, 1988, p. 9).

A nosso ver, a constituição do sujeito por meio da sexualidade está imbricada em um jogo complexo de relações de poder, sendo esta considerada por Foucault (1988), como um dispositivo histórico, ou seja, uma grande rede “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder”(FOUCAULT, 1988, p.100). Como veremos a seguir na exposição e análise dos comentários.

4.1 Análise de comentários postados no site G1 sobre a parada LGBTQIA+ de São Paulo (Brasil)

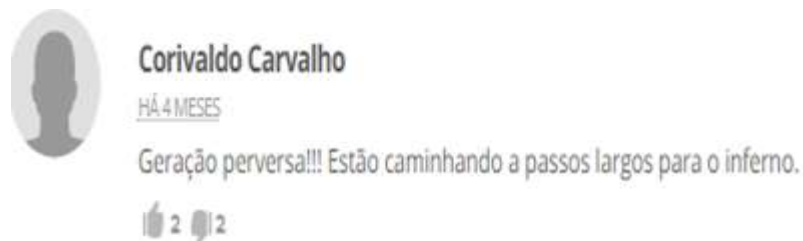
A parada LGBTQIA+ é um evento que ocorre em vários países do mundo em comemoração ao “Dia do orgulho LGBTQIA+”, festejado em dia 28 de junho. A data começou a ser celebrada em 1970 nos Estados Unidos da América, em protesto e homenagem às vítimas de um massacre no bar “*Stonewall Inn*”, em *Nova York*, no ano de 1969, realizado por parte da polícia local. No Brasil, o primeiro evento aconteceu em 1975 na cidade do Rio de Janeiro durante a 17ª Conferência da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex. Passando a ser realizada na Avenida Paulista só em 1977⁶.

⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/repressao-policia-deu-origem-ao-dia-do-orgulho-gay/>. Acesso em: 16 nov. 2019.

A 23ª parada LGBTQIA+ da cidade de São Paulo, realizada em junho de 2019, é considerada a maior do mundo por reunir cerca de três milhões de pessoas na Avenida Paulista, movimentando aproximadamente R\$ 403 milhões de reais, o que equivale a 40% a mais do valor acumulado no ano anterior⁷. A festa que procura celebrar a diversidade sexual e a luta por menos preconceito teve como tema os “50 anos de *Stonewall*”.

A seguir, apresentamos trechos de comentários retirada do *site G1* no dia 03 de novembro de 2019, às 18h17mn. Nestes comentários internautas evidenciam seus diferentes pontos de vista acerca da 23ª edição da Parada Gay. Os comentários são feitos por perfis que na maioria das vezes não possuem fotos e parecem utilizar nomes fictícios, os quais se posicionam a favor ou contra o evento, utilizando por vezes enunciados violentos e preconceituosos que nos permitem perceber suas posições-sujeito quanto a questão da homossexualidade, partindo assim de diferentes formações discursivas.

Figura 01: Comentário de Corivaldo Carvalho.



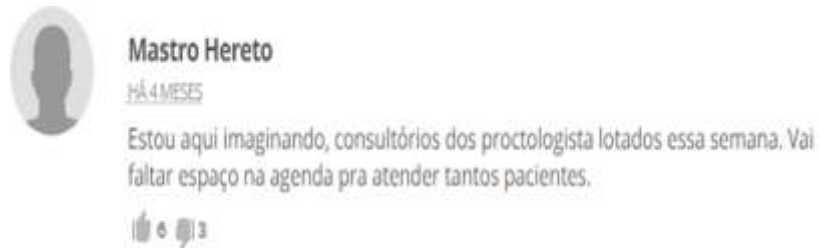
Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

O enunciado exposto na figura 01 foi cunhado por um sujeito que manifesta todo seu preconceito contra os frequentadores da parada LGBTQIA+, designando o sujeito homossexual como um condenado ao inferno pelo simples fato de participar de um evento que celebra todas as formas de amor sem seguir um padrão heteronormativo imposto, além de lutar pelo fim da homofobia e por conquista de direitos iguais. Opinião que se dá ancorada num discurso religioso, por meio do qual o sujeito constitui suas convicções morais e se coloca numa ordem discursiva que passa a reger suas condutas e práticas. O que deveria servir para produção de sua

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/29/23a-parada-lgbt-movimentou-r-403-milhoes-em-sao-paulo-diz-prefeitura.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2019.

subjetividade enquanto sujeito religioso e não para o julgamento ou prática homofóbica com terceiros. No entanto, esse discurso religioso parece influenciar diretamente na constituição da visão que tem sobre o sujeito homossexual.

Figura 02: Comentário de Mastro Hétero.



Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

Neste enunciado o sujeito homossexual é enquadrado no estereótipo de compulsivo sexual, atualizando os discursos que o percebiam como vulgar, disponível e obsessivo por sexo, ou seja, que acabavam por patologizar as práticas e desejos sexuais fora do padrão hetero normativo. O que se dá porque ao falar do proctologista o enunciado remete diretamente ao exame de toque retal, como se os homossexuais fossem se aproveitar da prática para sentir prazer. O que não só constrange os sujeitos gays e evidencia o preconceito de quem enuncia, mas também, aponta para a percepção da construção preconceituosa da identidade do sujeito gay como alguém sempre disponível sexualmente que faz qualquer coisa para sentir prazer. Por este caminho parece que o emissor do discurso percebe o sujeito gay como aquele ser do prazer liberal.

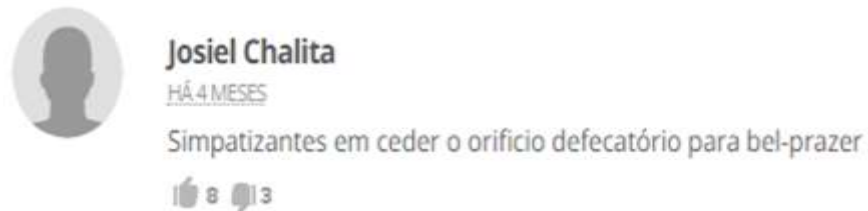
Figura 03: Comentário de Alex Bonini.



Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

O comentário exposto na figura 03 evidencia um discurso democrático e defensor da liberdade sexual, por meio do qual o sujeito homossexual é visto apenas como um ser humano que deve ter direitos e deveres assegurados pela lei, como os demais. Reforça assim, discursos que tratam da igualdade social e do amor ágape.

Figura 04: Comentário de Josiel Chalita.



Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

Na figura 04 somos expostos a um comentário que reduz o sujeito gay apenas a um corpo que deseja sentir prazer, ou seja, mais uma vez o percebe como alguém obsessivo por sexo, como se este não tivesse outros desejos, sonhos e vivências. Tal discurso acaba por reduzir a sexualidade a um sinônimo de atividade sexual, limitando-a apenas a um ato físico. O que para Heilborn (1999) é totalmente equivocado, pois a sexualidade é antes de tudo, uma entidade universal que faz menção não só ao sexo, mas a toda experiência e vivência social a partir das identidades de gênero. Podendo ser considerada uma unidade ficcional pois sua vivência pode variar de acordo com o contexto cultural, como explica Foucault (1977), “historicamente instituída como um domínio portador de sentido em si mesmo” (FOUCAULT, 1977. *Apud.* HEILBORN, 1999, p. 1).

Figura 05: Comentário de César Mendino.

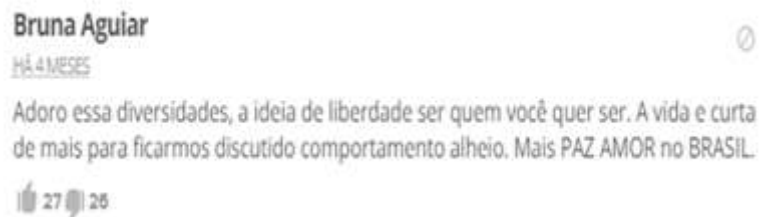


Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

O internauta da figura 05 adverte outra pessoa que fez um comentário maldoso relacionado aos participantes da parada LGBTQIA+, evidenciado seu

posicionamento contrário aos enunciados preconceituosos que ofendem, diminuem e ridicularizam os sujeitos gays. Neste caso, verificamos que o discurso emitido está pautado no discurso religioso, especificamente no controle do ser pelo qual ele será lembrado por uma promessa futura.

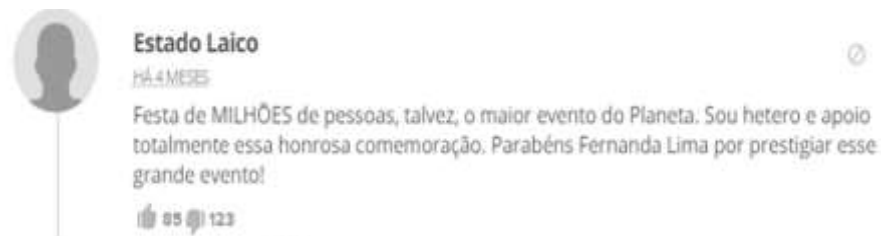
Figura 06: Comentário e Bruna Aguiar.



Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

O comentário na figura 06 é um dos poucos realizados por um perfil que possui foto identificando o autor, o que talvez esteja ligado ao fato de que o enunciado não faz críticas e nem parte de discursos homofóbicos e preconceituosos. Ao contrário, enaltece o evento e convida todos a viverem suas próprias vidas sem se importar com o comportamento alheio, o que parece se apoiar em discursos que defendem a diversidade e a liberdade de escolha dos sujeitos. O enunciado portanto, transmite um posicionamento democrático e saudável quanto a opção sexual dos demais indivíduos, percebendo o sujeito gay como alguém comum com desejos e necessidades “normais”.

Figura 07:Comentário de Estado Laico.



Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

Neste comentário, o sujeito homossexual também é visto como um ser humano normal, igual a todos os outros e, portanto, possuidor dos mesmos

direitos. O enunciado parte da convicção pessoal do internauta que defende toda forma de pensamento e existência, evidenciado sua posição-sujeito no discurso, o que já começa a ser evidente no nome dado ao perfil, “Estado Laico”, que por si só apresenta toda uma bagagem discursiva acerca dos seus posicionamentos políticos e ideológicos. Além disso, ao declarar-se como um heterossexual que apoia o movimento LGBT, parece transmitir a ideia de que não é homofóbico e preconceituoso.

Figura 08: Comentário de Raspando Cachimbo.



Fonte: Portal de notícias G1 (2019).

No enunciado acima, da figura 08, o sujeito homossexual é visto como um ser não-natural ao ser classificado enquanto “aberração”, o que denota a posição-sujeito homofóbica de quem articula este comentário. Pensamento que pode evidenciar certa formação discursiva amparada em discursos religiosos que concebem a homossexualidade enquanto uma prática pecaminosa e não-natural por não gerar vida, como também em discursos médicos e psiquiátricos do início do século XX, os quais patologizavam os sujeitos gays. Além de discursos mais atuais acerca de uma possível “cura gay”. Todos estes pautados numa visão negativa acerca do amor entre pessoas do mesmo sexo, que levam a constituição do sujeito gay enquanto alguém dissidente, que foge aos padrões e condutas moralmente aceitáveis numa sociedade heteronormativa e religiosa, como é o caso da sociedade Brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo constata o envolvimento de uma série de questionamentos e contradições que envolvem o sujeito homossexual e a luta pela igualdade. Diante das argumentações aqui apresentadas percebem-se as dificuldades e preconceitos

enfrentados pelos indivíduos gays que se deparam com inúmeros comentários homofóbicos e opiniões contraditórias as suas existências, as quais ferem seus direitos a igualdade e a liberdade. No entanto, compreendemos que esse estudo sobre o sujeito gay e as relações de poder estabelece uma ligação com fatos e acontecimentos que evidenciam a continuidade histórica do poder e dominação sobre os corpos e sujeitos dissidentes, ou seja, que fogem aos padrões socialmente instituídos.

Um fato evidente é que os posicionamentos sobre a diversidade sexual aqui apresentada, advêm desde outras épocas persistindo ao longo do tempo. As várias abordagens relatadas sobre o sujeito homossexual não estão somente na complexidade do tema, mas nas terminantes formas de mecanismos de poder que dominam o ser humano através das concepções de pensamento.

Nesse sentido, procuramos da melhor forma possível contribuir para um resultado preciso a favor das lutas e das conquistas LGBTQIA+ que se dão, entre tantas outras formas, por meio da parada LGBTQIA+, que no Brasil ocorre em várias capitais e cidades. Nosso intento se deu por meio da análise de comentários tecidos por internautas, exibindo os enunciados por vezes preconceituosos e ofensivos em torno da sexualidade dos sujeitos gays, de maneira que isso leve a uma crescente problematização sobre a integridade do indivíduo, bem como sobre seus direitos básicos a liberdade e ao respeito. Pois sabemos que hoje, talvez mais do que qualquer outra época, o preconceito e a intolerância contra os homossexuais tornam-se evidentes, sendo manifestados constantemente dentro e fora do ambiente virtual com cada vez mais violência, o que evidencia o Brasil como um país onde mata-se gays, lésbicas e transexuais⁸.

Ao realizarmos o presente estudo percebemos que este foi apenas um pequeno desafio diante da problemática existente sobre o sujeito homossexual em nosso país. Dito isto, todo esforço e determinação para se formalizar essa pesquisa acerca de um tema ainda tão polêmico e substancial foi superado diante do intenso aprendizado que o mesmo nos proporcionou.

⁸ Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em: 16 nov. 2019.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do Discurso**. 2^o ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. 2^o ed., rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 273-295.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Therezada Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 13. Ed.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985 a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1985 b.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

HEILBORN, Maria Luiza. **Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade**. Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92 (apoio Fundação Ford e UNIFEM).

HEILBORN, Maria Luiza. "Construção de si, gênero e sexualidade". In: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

SARGENTINI, Vanice; NAVARRO, Pedro Barbosa. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, a colônia à atualidade**. Ed. revisada e ampliada. 4^o ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Sítios eletrônicos:

CUNHA, Thaís. **Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de pessoas transexuais**. Correio Braziliense. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acesso em: 16 nov. 2019.

PINHON, Marina. **Parada LGBT movimentou 403 milhões em São Paulo, diz prefeitura**. G1. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao->

paulo/noticia/2019/06/29/23a-parada-lgbt-movimentou-r-403-milhoes-em-sao-paulo-diz-prefeitura.ghtml. Acesso em: 16 nov. 2019.

PINHON, Marina; ROCHA, Gessyca. **Com 19 trios Parada LGBT reúne milhares de pessoas em São Paulo**. G1, 2019. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/23/com-19-trios-eletricos-parada-lgbt-reune-milhares-de-pessoas-em-sp.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2019.

NAÍSA, Letícia. **Relembramos como foi a primeira parada LGBT do Brasil**. Vice.com. 2016. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/pqe47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil. Acesso em: 10 nov. 2019.

SÓ HISTÓRIA. **Michel Foucault**. 2009. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/biografias/foucault/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

VEJA. **Repressão policial deu origem ao Dia do Orgulho Gay**. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/repressao-policial-deu-origem-ao-dia-do-orgulho-gay/>. Acesso em: 16 nov. 2019.